

FILOSOFIA DA RELIGIÃO: UM PENSAR NO PAI ETERNO

Josuel de Souza Ferreira¹

RESUMO

Este artigo visa mostrar o significado da “Filosofia da Religião: Um Pensar Pai Eterno”. Como vemos a Filosofia, tal como a religião nos leva ao ato de pensar. Como um sistema, começou como uma defesa das crenças religiosas, através do raciocínio Filosófico. Assim, temos as provas racionais da existência da alma e de Deus e do seu filho Jesus. Deus, como exemplos desse tipo de atividade racional em crê no invisível. Nosso estudo, sobre a verdadeira Filosofia da Religião: Um Pensar no Pai Eterno não cria uma defesa e também não é algo negativo. Porém, antes, da consideração de assuntos que envolvem o “Pai Eterno” mediante a crítica analítica e avaliação feitas pela Filosofia em termos religiosos. Este trabalho traz como propósito não é, em primeiro lugar, aceitar ou rejeitar as crenças religiosas e, sim, poder ter uma visão mais abrangente sobre quem é Deus o verdadeiro Pai Eterno e descrever as mesmas de formas mais exata e abrangente sobre a sua religiosidade ou não. Sendo assim, a Filosofia da Religião é um ramo filosófico que investiga e reflete conduzindo o lado espiritual do homem, do ponto de vista da metafísica e antropologia e da ética crítica e reflexiva desse sujeito.

Palavras-chaves: Filosofia da Religião. Pai Eterno. Filósofos. Religião.

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade o estudo da “Filosofia da Religião: Um Pensar no Pai Eterno” é usado o método crítico e reflexivo que são comparativos aos estudos dos Filósofos e os antropólogos. A eficiência e eficácia dos Filósofos da Religião em seus estudos relacionados com a educação têm seus reflexos no desenvolvimento de competências efetivas em algo bem maior que é Deus o Pai Eterno. Todo esse movimento e o resultado do conjunto dos conhecimentos adquiridos, habilidades e atitudes desenvolvidas durante o estudo teológico.

Segundo Noli Bernardo Hahn (2014, p. 15) “o horizonte teórico que se procura seguir neste texto delimita-se a uma estrutura teológica paradoxal em que Deus e ao mesmo tempo, presença e ausência” isso quer dizer que “ao mesmo tempo, corpo e o espírito; ao mesmo tempo, encarnado e ressuscitado; ao mesmo

¹ Especializando em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. Licenciatura Plena em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional-UNINTER. Licenciatura em Letras Português/Inglês duração plena pela Faculdade de Tecnologia e Ciências-FTC. Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Candido Mendes-UCAM. Especialização em Administração Escolar, Supervisão e Orientação pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSSELVI. E-mail: filosofia.souza@outlook.com.br.

tempo, humano e divino”. Esse conhecimento adquirido se constitui em um dos principais desafios os quais interpelam o entendimento da Filosofia da Religião e, tem tentado explicar aos indivíduos filosoficamente falando e explicando o que é religião. O Ensino da Filosofia da Religião no Brasil tem se deparado com um cenário em que o sujeito seja crítico e reflexivo as mudanças existentes na sociedade contemporânea.

Como sabemos a Filosofia da Religião é o conjunto de ideias filosóficas. Essa ideia está relacionada ou próxima da Filosofia Cristã. Logo essa Filosofia Cristã, teve seu surgimento pelos indivíduos que são os seguidores de Jesus Cristo desde os primórdios até a contemporaneidade. “Com essa informação, vê-se a importância de se entender sínteses teológicas que se estendem em vivências práticas” (HAHN, 2014, p. 18). Com isso, a Filosofia surgiu nesse cenário com a ideia de unir ciência e fé, partindo de explicações racionais naturais tendo o auxílio da revelação cristã. Ainda, afirma Hahn (2014, p. 18) que as “experiências e vivências religiosas mantêm-se alicerçadas em teorias ou compreensões teológicas”.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A Fé e a Razão em consonância com Deus o Pai Eterno

Na contemporaneidade, o que podemos ver e entender é a Filosofia da Religião e o estudo lógico dos conceitos religiosos argumentos expressões teológicas do crê e do não crê. Sendo assim, a Filosofia da Religião é prática da mesma e, precisa se dedicar a religião ou as religiões que estiver estudando, como nesse caso o estudo desse, capítulo é voltado a um determinado tema: “A Fé e a Razão em consonância com Deus o Pai Eterno”. Por isso, os Filósofos da Religião também podem ocupar-se nas avaliações ou indagações de temas que tragam consigo as alegadas revelações que sejam pertinentes. Sendo assim, ela também pode levantar questionamentos fundamentais sobre a existência de Deus. Mas, quem é Deus? Essa é uma pergunta que muitos de nós fazemos em algum momento de dificuldade que passamos em nossas vidas.

Nesse caso, muitos de nós deixamos de nos perguntar de que maneira estamos conduzindo a nossa vida, pois se não precisamos prestar contas de nossos atos ao Pai Eterno o criador de todas as coisas. Deus mandou o seu filho amado

para nos salvar (Jesus). Mas, será que todas as coisas que há de ruins causadas pelos indivíduos a terra significa que não será punido ou as nossas ações de benfeitorias será que não vai existir recompensa? A partir do nosso ponto de vista meramente humano levaria a nossa existência a se torna irrelevante na concepção teológica. Mas, é claro que a nossa vida ainda possui e sempre possuiria um significado relevante a nossa existência para concepção do conhecimento teleológico. Essas inquietações, nos leva a uma dimensão maior, onde o incompreensível em dizer que o fim não é nesse plano terreno.

Ainda segundo Kathlen Luana de Oliveira é, (2014, p. 18):

Claro que existe uma inquietação que torna difícil nivelar a teologia como um conhecimento ordinário, pois tem um escopo que não se encaixa na lógica de comprovações. Especificamente, reside um compromisso que remete a algo que não teria prazo de validade, a algo que afirma uma ação, a um evento que se faz humano, transpassando-o. Há um esforço de explorar, elucidar, clarificar a constante vinda de Deus. Longe de ser um esforço divino de compreensão, apresenta-se como um esforço qualitativo, semântico, discursivo. Trazendo essa propriedade à produção do conhecimento, não se almeja um conhecer por conhecer, mas se anseia que o conhecer possibilite enxergar que o fim não é o fim, que a morte não é o sentido da vida humana.

Pensando assim, a propriedade à produção do conhecimento, não seria almejada por nós que tentamos alcançá-la. Todo esse significado que o ato de se conhecer acaba no sentido de que influenciemos outras pessoas ao ato de se conhecer a se próprio. O ato de se conhecer acaba-nos tornando curioso e indagando a nós mesmos. No pensar da Filosofia da Religião leva o indivíduo a se fazer perguntas como: Deus existe? O que é religião? Há vida depois da morte? De acordo com Valério Guilherme Schaper, (2014. p. 65), “está breve reflexão permitiu inferir que a apropriação da noção cristã de reconciliação pode oferecer ricas contribuições ao tema do reconhecimento”. Ente essas e outras indagações surgirão sempre com as ideias que a religião pode trazer consigo.

Ainda nos lembra de Schaper, que (2014, p. 65-67):

A compreensão de que em Deus, mediante Cristo, as divisões, conflitos e as exclusões são superados num patamar superior, pois supõem a ideia do perdão do pecado, cujo efeito curativo das consciências possibilita uma nova ordem de coisas, incide diretamente sobre outra forma de entender a noção de “luta”, “conflito”. Conflitos não são mais exclusivamente os meios de produzir reconhecimento, mas horizontes ou contextos a partir dos quais a reconciliação produz a reunião dos contrários, no mesmo instante em que

permite que o indivíduo se reconcilie consigo e desata o processo de reconstrução social do ethos, da moral aviltada. São, portanto, também processos de reescrita de biografias e identidades fragmentadas.

Ainda segundo o autor Schaper (2014) “ao mesmo tempo em que ficou evidente que a noção cristã de reconciliação não faz concessão a nenhum tipo de conciliação artificialmente pacificadora ou ocultadora das tensões em nome de uma governabilidade ou acomodação” isso só acontece com os “grupos divergentes, é indicada a necessidade incontornável de reordenamentos jurídicos e realinhamentos econômicos” (SCHAPER, 2014, p. 67). Apesar de estarmos presente no meio dessas diversidades, há um grande universo de religiões compostas por doutrinas distintas. Assim, ainda segundo autor Schaper (2014) “a noção cristã de reconciliação empenha-se, então, em processos políticos de negociação de políticas públicas de escopo amplamente excludente em todos os níveis sociais, possibilitando e fomentando cidadanias ativas”.

Devido a isso, os Filósofos têm como meta descobrir se o olhar espiritual sobre como se dá o surgimento dessa nova comunidade religiosa. Isso acontece, por causa dos estudos levantados pelos Filósofos da Religião que acabam adotando como instrumentos para realizarem tudo como uma metodologia crítica e reflexiva, que contrapõe as mais diversas religiões. É claro, que tanto tantas pesquisas sobre essas diversas religiões, não pode nos desvencilhar do que nós acreditamos que existe um só Deus, o Pai Eterno. A nossa reconciliação com Pai Eterno deve ser algo verdadeiro, pedir perdão para Deus não é algo ser feito com desamor. A reconciliação com Deus como explica Schaper (2014, p. 58) “as teorias da expiação são formas precárias que encontramos para representar e organizar nosso tráfego para o reino de Deus”.

Na premissa, ainda diz o autor que o:

Cristo, nestas propostas expiatórias, paga a dívida da nossa passagem ou torna-se o herói inspirador dessa viagem. A questão central é que Deus não pode chegar a nós enquanto somos prisioneiros de nossas ilusões. Ele só pode morrer nas mãos desta pseudopiedade. Aquilo que chamamos liberdade, ou livre arbítrio, não se detém até ter matado Deus. Só um amante concreto e histórico pode arrancar da prisão quem está confinado em sua própria solidão autossuficiente. Cobra aí todo sentido a afirmação de Paulo aos coríntios quando afirma que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo. A cruz é autodoação de Deus a nós (SCHAPER, 2014, p. 58).

Só assim, percebemos e nos damos conta que Jesus filho do Pai Eterno morreu na cruz para alcançarmos a salvação. Por isso devemos reconhecer que nós fomos criados a sua imagem e semelhanças de Deus. O que devemos distinguir é se nós estamos vivendo segundo a vontade de Deus Pai ou se estamos nos desviando das leis de Deus. Certamente vivendo de acordo com a vontade do Pai, os Filósofos da Religião que são pesquisados que realiza a investigação dos vários idiomas, o que cada um deles chegam a conclusão que existe um Deus como ser único. Buscar a comparação é buscar expressões usadas para se referir ao sagrado como Pai, Filho e Espírito Santo, que acabam se tornando uma única pessoa, que se refere a Deus. Cabe à Filosofia da Religião realizar uma correta associação destes distintos métodos para chegar a verdadeira explicação, para assim perceber claramente o que é essencial nas religiões ou crenças diversas.

2.2. Um Pensar no Pai Eterno: O que é o pecado?

Na contemporaneidade, devemos acreditar que o indivíduo é símbolo de inteligência, razão, emoção, vontade, conhecimento e dos amores. Nesse sentido, falar do pecado original das crianças suje sim desde que ela estar sendo geradas na barriga das mães, e não traz nenhum fato e alento aos teólogos como o fato. Ainda segundo a Bíblia, foi Adão e Eva quem cometeu o pecado original em desobediência a Deus “Pai Todo Poderoso”. Ainda de acordo com a Bíblia, ela retrata o seguinte: “porque Deus sabe que, no mesmo dia em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau (GÊNESIS, p. 17, 3:4-5)”. O que podemos ver nesse contexto que a Bíblia cita logo acima, nos revela o pecado original. Ainda segundo o autor Paul Ricoeur:

Lemos numa das Confissões de Fé das Igrejas da Reforma que a vontade do homem está “totalmente cativa sob o pecado” (Confissão de fé de La Rochelle, art.9). É fácil reencontrar sob esta expressão de “catividade” toda a pregação profética e apostólica; mas a Confissão de Fé acrescenta imediatamente a seguir: “Acreditamos que toda a linhagem de Adão está infectada deste contágio, que é o pecado original e um vício hereditário, e não somente uma imitação como os Pelagianos quiseram dizer, os quais detestamos nos seus erros” (Ibid., art. 10). Pecado originário, vício hereditário; com estas palavras operou-se uma mudança de nível: passámos do plano da pregação para o da teologia, do domínio do Pastor para o do Doutor; e simultaneamente produziu-se uma mudança no domínio

da expressão: a catividade era uma imagem, uma parábola; o pecado hereditário pretende ser um conceito. Além do mais, quando lemos o texto que se segue: “Acreditamos que este vício é verdadeiramente pecado e que ele basta, para condenar todo o gênero humano, até às crianças no ventre da sua mãe, e que é reputado pecado diante de Deus (e assim por diante)” (art.11). Temos a impressão de entrar, não somente na teologia como disciplina relevando dos doutores, mas na controvérsia, na disputa de escola: a interpretação do pecado original como culpabilidade original das crianças no ventre da sua mãe, não somente não está mais ao nível da pregação, mas atinge um ponto onde a tarefa do teólogo se torna especulação abstrata, escolástica (2008, p. 265).

Nesse contexto o autor Paul Ricoeur diz seguinte (2008, p. 265-266):

A minha intenção não é de todo opor, neste nível de abstração, uma formulação a uma formulação: não sou dogmático. A minha intenção é refletir sobre a significação do trabalho teológico cristalizado num conceito como o de pecado original. Ponho um problema de método. Com efeito, este conceito tomado como tal não é bíblico e, todavia, ele pretende dar conta, através de um aparelho racional sobre o qual teremos de refletir, do próprio conteúdo da confissão e da pregação ordinária da Igreja. Refletir sobre a significação é, pois, reencontrar as intenções do conceito, a sua potência de reenvio àquilo que não é conceito, mas anúncio, anúncio que denuncia o mal, e anúncio que pronuncia a absolvição.

Ainda segundo o autor Paul Ricoeur (2008, p. 269) é “de igual modo, o pecado que o homem confessa é menos o ato de malfazer, da malfeitoria, que o estado de estar-no-mundo, que a infelicidade de existir. O pecado é destino interiorizado”. Como ver o autor Schaper, (2014, p. 58) diz o seguinte: “o mistério da expiação tem lugar entre Jesus e Deus. Não nos compete tentar elucidá-lo como se estivéssimos ao alcance das nossas falas, explicar o que acontece no mundo sobre natural, o mundo do invisível. Como mencionado, o ser humano é receptor desta doação”, do reconhecimento através da fé contida no Pai Eterno. O ser humano perante a Deus aqui nesse mundo, não passa de uma criatura pecadora tentando se redimir a todos os momentos diante de Deus.

Segundo Schaper, (2014, p. 58) “a expiação do pecado não implica sofrer um castigo”. Todavia existe o mal e existe bem para os imaculados de coração puro. “Trata-se antes de um gesto protetor que suprime o perigo do pecado, que afasta o mal do pecado” (SCHAPER, 2014, p. 58-56). No tocante, a fé se exprime o que a razão tenta explicar, como esses mesmos raciocínios tentamos nos justificar diante do pecado, que é algo ruim e desolador quando a gente se refere a Deus. Mas, quem explica o pecado? Segundo Schaper, (2014) “quem expia o pecado é Deus”.

Existe um único livro que contemplam todas as respostas a que queremos elucidar as perguntas, que não parece a haver respostas que é o livro Sagrado a Bíblia. Lá nós encontramos as repostas, os mais variados questionamentos.

Um desses requisitos a que nos refiarmos é pergunta anterior que foi: o que é o pecado? Então, “esse foi o meio que Deus encontrou para destruir o pecado do ser humano e salvá-lo da destruição e da morte” (SCHAPER, 2014, p. 56). O homem estar livre do pecado, mas em primeiro lugar é preciso que todos nós, nos arrependamos dos nossos pecados para conseguir a salvação. O pecado é sutil, as pessoas se deixam levar pelas coisas mundanas, que ao olho do Pai Eterno não tem valor algum. A Filosofia da Religião deve fazer com que ambas as partes se adequem as conjugações dessas metodologias em relação à fé e a razão.

Segundo Agnaldo Cuoco Portugal (2014, p. 38-39):

A relação entre religião e ciência pode ser abordada de várias maneiras. Para que não nos percamos em generalidades, proponho pelo menos duas delimitações. A primeira é de que se vai tratar aqui de religião cristã – compreendendo não apenas uma prática, mas também uma metafísica, ou seja, uma teoria geral sobre o mundo – e de ciência natural moderna ocidental, a chamada “tecnociência”, que começa com a revolução copernicana e se apoia fortemente na matematização e na experimentação, resultando em tecnologia. Com 39 isso, deixaremos de abordar conhecimentos de outras tradições culturais e de outros períodos históricos, além de deixarmos de lado as ciências formais (Matemática e Lógica, principalmente) e as ciências humanas. Sem dúvida, uma limitação que diminui bastante o alcance do que será dito aqui, mas necessária para apresentar conclusões substantivas. Mesmo assim, trata-se de uma abordagem que abrange ainda muito do que comumente chamamos de “ciência”.

O caminho entre fé e razão, enfrenta comunidade que estão conectadas a vinte quatro horas por dia. Como diz Hegel (1822, p. 8) “a contraposição de fé e razão, que ocupou o interesse de séculos, e não apenas o interesse das escolas, mas do mundo, pode no nosso tempo ter perdido a sua importância e, aparentemente, encontrar-se mesmo quase desvanecida”. Ainda, de acordo com Hegel (1822, p. 8) “[...] se realmente assim fosse, então talvez houvesse apenas que desejar, a tal respeito, boa sorte à nossa época”. O que podemos ver, é que sem a fé e a razão não seríamos completos de nossos direitos e deveres. “Pois este confronto é de natureza tal que o espírito humano se não pode arredar de nenhuma das suas duas vertentes” (HEGEL, 1822, p. 3).

Segundo Hegel (1822), que cada indivíduo deve mostrar que estar na sua mente bem guardada no seu inconsciente mais íntimo possível, para que nosso espírito se mantenha em tacto, quando elas se juntam e entram em desentendimento ou em desacordo, é abalada e o seu estado viveram em conflitos. Não dá para continuar vivendo em desacordos como a fé e com a razão, porque vamos continuar cometendo os mesmos erros de sempre. Por isso, devemos observar “[...] se a oposição da fé e da razão esmoreceu e se transformou em reconciliação, então dependeria essencialmente da natureza desta reconciliação até que ponto se lhe haveria de desejar boa sorte” (HEGEL, 1822, p. 3-4), se nós estamos vivendo no pecado.

Tudo isso, começou com a medida que o indivíduo passou a organizar sua existência humana em grandes castelos ou cidades, onde o pecado é o grande sedutor das maiorias das pessoas que não teme a Deus. É por esse motivo, que os humanos aparelhados e sem fazer nenhuma reflexão crítica da vida querem justificar o ato da existência cientificamente. Não devemos menosprezar o conhecimento das ciências, por que todo o conhecimento por elas produzido é válido até que alguém prove o contrário. Certamente, o conhecimento que a ciência do conhecimento tenta provar o ato da sua existência, é a vida do homem, assim, a razão e fé.

A fé, advindas de muitas religiões que afirmam a existência de vários deuses, aos quais rendem a força do culto e do mistério que acerca, e a razão tenta nos manter atentos aos desvios de condutas aos quais podemos nos meter ou cometer atos inadequados à existência humana. Somos pecadores diante do Pai Eterno. Esses princípios de sermos devedores vêm lá do primeiro capítulo do livro Sagrada Escrituras. Segundo a Bíblia no livro Romanos, (p. 1387, 5-12), fala que “por intermédio e um só homem entrou o pecado no mundo, e a morte por intermédio do pecado, e assim a morte se espalhou a todos os homens, porque todos tinham pecado.”

3. CONCLUSÃO FINAL

A preocupação nossa é delimitar o tema desse trabalho que foi o seguinte: “Filosofia da Religião: Um Pensar no Pai Eterno”. Seguindo esses mesmos princípios, foi essa temática que nos levou a investigar de forma muito mais aplicada esse tema que muitos de nós temos dificuldade de falar sobre algo que é tão

importante para nossa vida que é o “Pai Eterno”, o criador de todas as coisas. Uma das suas criações mais perfeita foi o homem imagem e semelhança de Deus. Enfim, quase tudo era perfeito, mas, então aconteceu a desobediência e com ela o indivíduo se condenou a morte. Sendo assim, segundo Paul Ricoeur (2008) “é, pois, o adjetivo “original” que precisamos agora de explicar; vimos que Santo Agostinho emprega também a expressão: *naturale peccatum*; diz ainda: per *generationem* ou *generatim*” que será “indicando com isso que não se trata de pecados que nós cometamos, do pecado atual, mas do estado de pecado no qual nós viemos a existir pelo nascimento (RICOEUR, 2008, p. 272)”.

Assim, nos leva a refletir sobre este tema “Filosofia da Religião: Um Pensar no Pai Eterno” é conceitos fundamentais para a organização, de nossos pensamentos que nos leva a refletir sobre a vida pela qual lutamos até o fim. Então cabe a cada um de nos transformar de modo geral a sua a nossas vidas, em uma posição de fé e luta. O pecado faz parte das nossas vidas e uma luta para vencer os males a cada dia de nossas vidas. As deduções ou explicações de tais formas e que constituem a Filosofia da Religião e da Teologia ou ensinamento de cada religião ou crenças elevadas a Deus, cada um de nos devemos levar a nossas relações a um nível de tolerância saudável. A partir daí, as minhas e as suas relações com os outros indivíduos e os problemas humanos cruciais chegaram ao fim, isso traz a moral, as relações humanas.

Por fim, é na contemporaneidade que o estudo da “Filosofia da Religião: Um Pensar no Pai Eterno” foi utilizado dois métodos o crítico e reflexivo. Sabermos, que são os estudos dos Filósofos e os antropólogos entre as crenças daquilo em que acreditam ou tem fé. Sendo assim, sabemos que a intolerância religiosa ou qualquer tipo de violação aos direitos de quem acredita ou tem suas crenças religiosas possam ser respeitadas. Ainda segundo Brasil (2011, p. 14) “considerando que a religião ou as convicções, para quem as profere, constituem um dos elementos fundamentais em sua concepção de vida”, sendo assim as nossas concepções em busca da “liberdade de religião ou de convicções deve ser integralmente respeitada e garantida (Brasil, 2011, p. 14)”. Devido a isso, as manifestações das próprias religiões ou crenças de diversos anseios possam ser idealizadas como cultura como nos países afora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. ***Diversidade religiosa e direitos humanos***: reconhecer as diferenças, superar a intolerância, promover a diversidade / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; organização Marga Janete Ströher, Deise Benedito, Nadine Monteiro Borges. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2011.

REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores**: o pensamento teológico de Rubem Alves / por Iuri Andréas Reblin. – 2. ed. rev. atual. São Leopoldo: OIKOS, 2014.

HAHN, Noli Bernardo. **Conexões entre Teologia, Direitos Humanos e Religião**. In: Noli Bernardo Hahn, Kathlen Luana de Oliveira, Iuri Andréas Reblin (orgs). Direito, cultura e religião [recurso eletrônico] conexões e interfaces. São Leopoldo: EST; Santo Ângelo: FURI, 2014.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Fé e razão na apologia da religião cristã de pascal**. Cad. Hist. Fil. Ci., Campinas, Série 3, v. 11, n. 1, p. 29-44, jan/jun. 2001.

BASSOLS, Alejandro Tomasini. **Uma Última Discussão em Torno da Existência de Deus**: o argumento do design. In: Horacio Luján Martínez e Marciano Adilio Spica (orgs). Religião em um Mundo Plural Debates desde a Filosofia. Pelotas: NEPFIL online, 2014.

PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. **Cristianismo e Ciência Moderna**: para além da oposição. In: Horacio Luján Martínez e Marciano Adilio Spica (orgs). Religião em um Mundo Plural Debates desde a Filosofia. Pelotas: NEPFIL online, 2014.

HEGEL, G.W.F. **Prefácio à “Filosofia da religião” de Hinrichs [1822]** – [Sobre fé e razão]. Universidade da Beira Interior-**Luso Sofia**. Covilhã, 2011.

RICOEUR, Paul. **O Pecado Original**: Estudo de Significação. Universidade da Beira Interior-**Luso Sofia**. Covilhã, 2008